

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação

**O DESAFIO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE CIENTOMÉTRICA**

***THE CHALLENGE OF INTERNATIONALIZATION OF POSTGRADUATE PROGRAMS IN
INFORMATION SCIENCE IN BRAZIL: A SOCIOMETRIC ANALYSIS***

Bruna Silva do Nascimento - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Simone Borges Paiva - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Kelly Castelo Branco da Silva Melo - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O trabalho reflete sobre a produção qualificada no quadriênio 2013-2016 dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. Utiliza técnicas cientométricas para identificar a produção e o perfil docente e discente dos programas de pós-graduação. Verifica um total de 1.273 artigos publicados entre os estratos A1, A2 e B1. A amostra dessa produção, visualizada na base de dados *Web of Science* (WOS), foi de 35 trabalhos (2,75%), fato que corrobora a baixa visibilidade da ciência produzida abaixo dos trópicos. Analisa o perfil dos docentes e discentes dos programas no que se refere à nacionalidade e à formação acadêmica. Identifica as temáticas mais recorrentes nos artigos indexados na WOS, verificando as citações por eles recebidas. Conclui que a internacionalização dos programas de pós-graduação ainda se apresenta como grande desafio para o quadriênio em andamento (2017-2020).

Palavras-Chave: Pós-Graduação; Ciência da Informação; Estudos Métricos de Informação.

Abstract: This paper reflects on the qualified production in the 2013-2016 quadrennium of the Brazilian Postgraduate Programs in Information Science. It uses scientometric methodology to identify the production of the PPG. It checks a total of 1,273 published articles among strata A1, A2 and B1. The sample of this production, viewed in the Web of Science (WOS) database, was of 35 papers. This fact corroborates the low visibility of the science produced below the tropics. It analyzes the profile of teachers and students of PPG in terms of nationality, academic background, and identifies the most recurrent themes in the articles indexed in WOS, demonstrating their interconnections. It concludes that internationalization process remains a great challenge for the quadrennium in course (2017-2020).

Keywords: Postgraduate Programs; Information Science; Metric Studies of Information.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa refletir sobre a produção científica dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI - brasileiros, especialmente no que tange os processos de internacionalização por eles empreendidos, concentrados em ações voltadas para a produção bibliográfica, e para o estabelecimento de parcerias, tanto interinstitucionais, quanto entre pesquisadores. Identifica a produção qualificada, artigos publicados nos estratos A1, A2 e B1 do Qualis/CAPES, provenientes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. Nesse sentido, a presente pesquisa busca não só compreender melhor o desenvolvimento do campo científico da ciência da informação, suas redes simbólicas e pragmáticas, bem como retomar aspectos do processo de internacionalização da universidade Pública brasileira e de seus Programas de Pós-Graduação (PPG). Para tanto, problematiza as ações de alargamento e transposição dos limites do campo científico nacional, suas controvérsias e suas iniciativas voltadas para a inclusão do Brasil no cenário da Ciência mundial.

Tem-se por objetivo geral a análise da produção científica nacional internacionalizada, representada na base de dados Web of Science (WOS), dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, e por objetivos específicos explicar sobre as questões que envolvem o amplo processo de internacionalização; relacionar o perfil docente e discente visando identificar a presença de estrangeiros; e visualizar possíveis redes de coocorrência temática. Justifica-se este estudo em razão do constante movimento em favor da internacionalização e da necessidade de ampliação das reflexões acerca do tema, tendo em vista a ampliação do sistema de Pós-Graduação no Brasil. Ainda é importante salientar que o monitoramento da produção científica nacional e internacionalizada, por meio da publicação em colaboração com instituições e pesquisadores estrangeiros e/ou através da indexação dessa produção em bases de dados internacionais, pode indicar novos caminhos para a PG brasileira em busca de melhor desempenho na avaliação do quesito internacionalização atribuído pela CAPES.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO E UNIVERSIDADES: DEMANDAS CONTEMPORÂNEAS

No contexto da Era da Informação (CASTELLS, 1999) e da Economia do Conhecimento (POWELL, SNELLMAN, 2004), os limites para a oferta de produtos e serviços educacionais não se restringem aos limites geográficos. Sendo assim, a função social e a finalidade da universidade Pública, entre elas, as brasileiras, estão em processo de ressignificação, incitado por agentes internos e/ou externos às instituições. Com isso, ainda que os atos legais das universidades definam como eixos estruturantes o ensino, a pesquisa e a extensão, e ainda que estabeleçam como finalidade a geração, transmissão, disseminação do conhecimento, tendo em vista a formação de profissionais nas diferentes áreas do conhecimento de modo a ampliar o acesso da população à educação superior, a manutenção e/ou ampliação desses princípios basilares requer reflexões constantes por parte dos dirigentes e das comunidades envolvidas com as universidades. Afinal, quais interesses devem ser atendidos, os interesses nacionais ou aqueles indicados por interesses econômicos e políticos, não restritos aos países de origem?

Atento às transformações impostas às universidades e aos efeitos da transnacionalização, não apenas na perspectiva econômica e política, mas considerando, sobretudo, a perspectiva ética e cultural, Santos (2011) defende que esse processo, apesar de não ser novo, ganha proporções muito diferentes e contornos bastante particulares na medida em que serve a um novo fenômeno: o da mercadorização das universidades.

A transnacionalização das trocas universitárias é um processo antigo, aliás, quase matricial, porque visível desde início nas universidades europeias medievais. Depois da segunda guerra mundial, traduziu-se na formação, ao nível da pós-graduação, de estudantes dos países periféricos e semiperiféricos nas universidades e nos países centrais e, em tempos mais recentes, assumiu ainda outras formas [...]. Nos últimos anos, porém, avançou-se para um novo patamar. A nova transnacionalização é muito mais vasta que a anterior e a sua lógica, ao contrário desta, é exclusivamente mercantil (SANTOS, 2011, p. 11).

A tese defendida por Santos (2011) é a de que está em movimento a adoção de perspectivas educacionais, financiadas por organismos internacionais contrários a uma concepção da educação como um bem público e a serviço de um projeto de país, mas consonantes com uma intenção global de uma política universitária que transforma o bem, até então, público, produzido por essas instituições, em elementos – produtos - que valorizam/dão força a um capitalismo da educação (SANTOS, 2011). Essas novas ações transnacionais “exclusivamente mercantis” voltam-se para todos os níveis de oferta

educacional, dentre eles a educação em nível superior. Nessa perspectiva, a universidade se distancia do seu pressuposto de base, como responsável pela produção e disseminação de alta cultura, como espaço para a construção do pensamento crítico, da ciência e dos princípios humanísticos e éticos necessários à vida humana, para atender a interesses mercantis; um fenômeno percebido e anunciado por alguns autores como o fim da universidade (BIANCHETTI, MAGALHÃES, 2015).

Contemporizando esse discurso, Bianchetti e Magalhães (2015) observam que não se trata do fim da universidade, mas do fim de um tipo de universidade.

A universidade autônoma, sem adjetivações, mas também sem romantizações, é parte mais de uma aposta do final do século XIX, que deu alguns passos e gerou tantas expectativas na direção da sua concretização no decorrer do século XX. Essa universidade está no fim ou talvez já não exista. Nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI pouco resta de uma aposta e de algumas práticas que muito prometiam, caso não se chegasse ao ponto de ingerência de outros setores e da subsunção da instituição a tudo aquilo que representa os designios pragmáticos, imediatos e utilitários do mercado (BIANCHETTI, MAGALHÃES, 2015, p. 244).

A partir das falas de Santos (2011) e Bianchetti e Magalhães (2015) percebemos que, para além do campo econômico, vislumbra-se os efeitos do mundo globalizado em muitos aspectos da organização político social dos países, especialmente no caso aqui apresentado, a Educação Superior. E para que a “globalização neoliberal da universidade” (SANTOS, 2011, p. 20) seja posta em curso, faz-se necessária a instauração de novas estratégias e práticas também por meio da criação de novas necessidades.

A ação de internacionalizar-se, de modo a romper os limites nacionais para alcançar territórios estrangeiros, ampliando a presença dos Programas de Pós-Graduação no campo científico, tem sido estimulada pelo Ministério da Educação na Graduação, e na Pós-Graduação, pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, tanto por meio da concessão de bolsas e prêmios, quanto por meio da inclusão dessa variável nas avaliações. Ao adotar a internacionalização como critério avaliativo, ou seja, como um indicador de qualidade a influenciar notas e conceitos dos cursos e programas, algo que a princípio se localizava no âmbito do desejável, se torna imprescindível para a sedimentação dos programas de pós-graduação que almejam compor a frente de pesquisa dentre os melhores do país, alcançando conceitos entre 6 e 7 da CAPES.

Com o intuito de realizar um diagnóstico das ações empreendidas pelos programas brasileiros em favor do processo de internacionalização - entendida como elemento catalisador da troca de conhecimento acadêmico e da construção de capacidades sociais e econômicas -, a CAPES realizou coleta de dados junto aos Programas de Pós-Graduação do Brasil com conceitos de 3 a 7, e tornou públicos, em 2017, os resultados obtidos, em um relatório sobre a internacionalização na universidade brasileira. O documento revelou um avanço no processo de internacionalização, no entanto, salientou que são necessários ajustes nesse processo para torná-lo mais eficiente, especialmente quando se considera a afirmativa da CAPES de que a internacionalização universitária é necessária para tornar a educação superior brasileira apta a responder às demandas e desafios da sociedade globalizada (BRASIL, 2017). Neste cenário, a busca por indicadores de excelência é uma realidade que extrapola o contexto científico universitário, pois vive-se hoje a era da avaliação.

Nos últimos anos, somos testemunhas de uma explosão da avaliação. Hoje, é difícil entrar em um hospital, candidatar-se a uma vaga de emprego, ou pedir informações na prefeitura, sem sermos chamados a avaliar, ou sermos avaliados. Muitos países criaram centros de avaliação com equipes em tempo integral que não fazem mais nada a não ser avaliar (DAHLER-LARSEN, 2011, p. 1, tradução nossa).

Ainda de acordo com o autor, avaliar assegura qualidade, confere distinção e, sobretudo, chancela o discurso empregado. Nesse sentido, Pierre Bourdieu (2003, 2004) e sua teoria do campo científico lança luz sobre os critérios de avaliação que podem tanto mostrar, comparar e distinguir, como invisibilizar, menosprezar e negligenciar. Essa contemporaneidade coloca as universidades em uma realidade paradoxal, na qual precisam conciliar a construção de novos conhecimentos com conhecimentos comercializáveis, a boa ciência pública - ou a ciência como um bem público - com uma ciência voltada ao comércio, tentando equilibrar o engajamento no âmbito nacional com o internacional, enquanto atentas ou frente ao cumprimento das exigências avaliativas.

2.1 Os programas de pós-graduação e a internacionalização: relatos de pesquisa

Ainda que envolvido em um conjunto de questões que permanecem em debate, o processo de internacionalização tem sido estimulado não apenas por instituições regulatórias (CAPES), como por agências de fomento (CNPq, FAPESP). Tal estímulo tem

ressonâncias no fazer cotidiano dos pesquisadores, especialmente no campo da produção bibliográfica que vê no tema a possibilidade de compreensão dos desenvolvimentos dos campos de pesquisa e a possibilidade de ampliar a presença dos programas na economia científica. Nessa perspectiva, Duarte et al. (2012) destacam o papel das redes de relacionamentos docentes no processo de internacionalização, em um estudo comparativo entre duas universidades confessionais brasileiras localizadas no estado do Rio Grande do Sul e no estado de São Paulo, que mostrou que a internacionalização precisa de contextualização, ou seja, de ações institucionais em favor do alcance da visibilidade internacional e que se diferenciam entre a graduação e a pós-graduação. No que concerne a segunda, destacam que essas ações, dependem, sobremaneira das redes relacionais estabelecidas entre os docentes/pesquisadores brasileiros e os colaboradores internacionais. Segundo os autores:

A efetivação e a continuidade dos convênios, ou melhor, das ações previstas – desenvolvimento conjunto de pesquisas, por exemplo – dependem das relações existentes entre os docentes das IES envolvidas. Assim, mesmo que uma IES logre estabelecer acordos com outras universidades estrangeiras, estes somente se viabilizarão caso haja envolvimento do corpo docente de ambas as instituições. Portanto, **diferentemente das ações de internacionalização da graduação, em que a IES é a catalisadora mais importante, na pós-graduação, sem o comprometimento dos docentes das instituições, os acordos dificilmente se sustentam** (DUARTE, et al., 2012, p. 364, grifo nosso).

As redes relacionais se destacam na literatura especializada como importantes colégios invisíveis na promoção, manutenção e na divulgação científica. Sendo assim, não poderia ser desconsiderada quando o assunto é o estabelecimento de parcerias, que agregam a subjetividade da relação pessoal e a objetividade da prática científica. No entanto, Duarte et al. (2012) expressam preocupação com aquilo que denominam como “informalidade”, presente em processos organizados a partir da subjetividade. Para eles

Entre os principais desafios da internacionalização na pós-graduação, a informalidade característica das redes de relacionamento, o que pode dificultar o controle do processo pelas IES, e a dependência das instituições em relação aos docentes são particularmente importantes (DUARTE et al., 2012, p. 364).

O desafio para as instituições reside na institucionalização das práticas consideradas como informais, pois seus resultados, além de não poderem ser auditados, não refletem o trabalho empreendido para alcançá-las. Essa afirmativa encontra respaldo

nos postulados de autores como Dahler-Larsen (2011) e Vogel (2015), que atribuem a necessidade de institucionalização de todas as práticas que compõem, por exemplo, o campo científico, ao terceiro estágio avaliativo que a comunidade estaria vivenciando, qual seja: a Sociedade da Auditoria, um conceito análogo à Sociedade de Controle de Gilles Deleuze (1992). Ela se caracteriza pela premência em estabelecer não só critérios rigorosos de controle, mas sobretudo, de torná-los públicos e formalizados. Para os autores o mais importante nessa sociedade não é “a qualidade, mas a garantia de qualidade [...] essa sociedade acredita que é o controle que a impede de desabar, que a mantém unida. [...] O propósito da avaliação não é mais estimular discussões sem fim, mas sim preveni-las” (DAHLER-LARSEN, 2011, p. 175-176).

Aos processos avaliativos resta apresentarem-se de maneira clara e explicitada em critérios, indicadores e variáveis que possam mensurar e assegurar a ideia de qualidade. Sim, aqui se fala em ideia, pois como citado anteriormente, o importante é antever a desordem, o debate, o contraditório. As redes de relacionamento são o ponto fora do espectro avaliativo dessa sociedade da auditoria, pois, para o seu mapeamento, é necessário muito mais do que técnicas e *softwares* específicos; é preciso (re)conhecer os diferentes capitais que compõe essa trama. Uma rede relacional não se institui somente como base no capital científico puro, mas se alicerça em todos os outros tipos de capital estudados por Pierre Bourdieu: capital científico objetivado e institucionalizado, bem como o capital científico temporal (BOURDIEU, 2004).

Nesse sentido, Bourdieu (2004, p. 62) ao analisar o campo acadêmico, assume o risco de se “intrometer no que uma instituição científica tem de mais íntimo e mais sagrado, isto é, o conjunto de mecanismos e procedimentos pelos quais ela assegura sua reprodução”. Assim, pensar os processos de avaliação, progressão e inclusão de membros no campo prevê observar criticamente o reforço aos antigos laços, aos objetos de pesquisa hierarquicamente superiores e, por conseguinte, um *perpetuum mobile*, ou seja, a manutenção das estratégias vigentes que permitem e ratificam a reprodução no campo. Em contrapartida,

parece inteiramente desejável reforçar a **capacidade coletiva de resistência que os pesquisadores** devem ter, apesar das concorrências e dos conflitos que os opõem, para estar em condições de resistir às intervenções mais ou menos tirânicas dos administradores científicos e

de seus aliados no mundo dos pesquisadores” (BOURDIEU, 2004, p. 61, grifo nosso).

Essa assertiva encontra ressonância no já citado estudo de Duarte *et al.* (2012) que afirma tanto o papel protagonista dos docentes pesquisadores, quanto a dependência das IES em relação ao mapeamento dessas redes de relacionamento e, por conseguinte, sua incorporação à avaliação dos programas. Uma das formas de mapear aspectos relacionados às interações (interinstitucionais e/ou internacionais) é mensurar a produção científica objetivando identificar aspectos colaborativos dessas redes. É importante salientar que, segundo Marteleto (2001), não há uma ‘teoria de redes sociais’, pois o seu emprego serve

para estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, a unidade de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros (MARTELETO, 2001, p. 72).

Acredita-se que são essas interações, sejam elas através da coautoria, da colaboração interinstitucional e/ou interacional, bem como da coocorrência temática, que permitem o mapeamento das redes e sua futura incorporação aos indicadores de internacionalização. Em que pese o fato de que o processo avaliativo não se impõe de forma igualitária a todos os agentes do campo científico e, por conseguinte, a todos os programas de pós-graduação. Basta citar aqui o encontrado por Vogel (2015, p. 26): “o Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPG 2011-2020 - já sugere que os programas de pós-graduação de cursos de excelência [...] sejam avaliados em um prazo de tempo maior” que o aplicado aos demais programas. Ramos (2018) destaca que a internacionalização se tornou parte importante do projeto de desenvolvimento e expansão dos programas de pós-graduação, especialmente entre aqueles avaliados com notas máximas pela CAPES. Sua pesquisa empírica, aplicada junto a Coordenadores de programas de pós-graduação em todo o Brasil, mostrou como os programas percebem esse processo, assim,

os dados empíricos mostraram a prevalência de uma concepção de internacionalização orientada a atividades: a mobilidade internacional (para o exterior) é vista como o principal mecanismo para dinamizar atividades transfronteiriças de ensino, colaboração em pesquisa e construção de redes (RAMOS, 2018, p. 19).

As atividades estão no centro do processo de internacionalização, nesse sentido, percebe-se a ausência de práticas orgânicas e sistêmicas que assegurem não apenas a

ocorrência pontual, mas a adoção de medidas rotineiras de integração entre os pesquisadores brasileiros e os pesquisadores internacionais. Para Ramos (2018) a pesquisa científica é elemento central do processo de internacionalização, e todas as ações repercutem nesse sentido, de modo a permitir que as pesquisas desenvolvidas nacionalmente possam ser vinculadas em publicações científicas com maior fator de impacto e que os programas desenvolvam um perfil mais internacional.

As reflexões empreendidas por Duarte et al. (2012) e Ramos (2018) se distanciam no horizonte temporal, no entanto, convergem em suas ponderações sobre a importância das redes subjetivas na promoção dos processos de internacionalização e na ausência de políticas mais consistentes para a efetivação dessa meta estabelecida pela CAPES. Acredita-se que a internacionalização, como estimulada pela CAPES, necessita de esclarecimentos e uma abordagem que vá além do estabelecimento de “estratégias”. A internacionalização precisa estar associada ao Projeto de Desenvolvimento Institucional das universidades e Institutos Federais, para que, com isso, possa reverberar nas quatro dimensões universitárias: ensino, pesquisa, extensão e gestão acadêmica. Rompendo assim, com a perspectiva de que esse processo está restrito ao contexto da Pós-Graduação.

2.2 A internacionalização como um indicador de qualidade

Em sua tese de doutoramento, Vogel (2015, p. 36) fez um levantamento compreendendo três meses (entre setembro e dezembro de 2014) em revistas e jornais brasileiros, utilizando a seguinte estratégia de busca: “*ranking* e universidade”. O resultado impressiona: 31 reportagens foram revocadas. Isso indica a importância conferida pela imprensa e, por que não, pela sociedade em geral, à avaliação das universidades brasileiras. A surpresa foi a análise dos *rankings* citados pela autora, pois somente um deles era nacional: o RUF – Ranking Universitário Folha. É claro, que a maior parte deles são internacionais, mas a considerável menção a eles em três meses (com uma média de uma reportagem a cada três dias) é sintomática. Muito do que se toma por critérios de avaliação são importações/comparações com realidades bastante diferentes da brasileira.

A importância e o interesse conferidos aos *rankings* internacionais pode ter como motivação ou o aumento da internacionalização das IES, ou “a competição entre elas para

atrair estudantes de diversas partes do planeta” (VOGEL, 2015, p. 37). Nesse sentido, a internacionalização apresenta seu lado mais pragmático: quanto maior e mais adensada forem as relações internacionais estabelecidas pelas IES, maior será o seu índice de internacionalização e, por fim, melhor será a sua avaliação interna e externa atraindo mais estudantes, docentes e recursos internacionais. Acredita-se que o efeito Mateus mostre sua influência nesse indicador, tal qual o faz quando se analisam as produções científicas. São Mateus (25:29) escreve em seu evangelho: "a todo que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece ter". Essa metáfora, conhecida também como efeito Mateus, ilustra a ampliação da brecha da desigualdade na distribuição das benesses, hoje ainda mais recrudescida em tempos de escassez de recursos de toda ordem, sobretudo, nos países abaixo da linha do Equador.

Em suma, quanto melhor for a avaliação da CAPES ao PPG, maiores serão as suas chances de aumentar sua rede de relacionamento internacional. Aqui é importante ressaltar que a agência atribui notas 6 e 7 para Programas de Pós-Graduação que apresentam desempenho semelhante ao de “grandes internacionais de excelência na área, particularmente no que diz respeito à produção científica, cultural, artística ou tecnológica e quando seu corpo docente desempenha papel de liderança e representatividade no campo de conhecimento” (BRASIL, 2017, p. 46). Os critérios de excelência depreendidos do Documento de Área são: “inserção internacional; produção científica de excelência; nucleação nacional e internacional e desenvolvimento sistemática de atividades e intercâmbios nacionais e internacionais” (BRASIL, 2017, p. 46). É importante observar que dos quatro critérios, três mencionam explicitamente palavras que remetem à internacionalização.

Quanto à produção científica e inserção internacional, destacamos alguns itens que o Relatório considerou:

- a) artigos decorrentes de pesquisa original, publicados em periódico científico nacional ou estrangeiro qualificado como A 1, A2 ou B1, indexado em bases de dados internacionais;
- b) impacto internacional da produção científica, evidenciado por citações e referências;
- c) periódico científico editado pelo programa, reconhecido internacionalmente (CAPES, 2017, p. 46).

É sabido que o sistema de comunicação científica chancela e confere distinção (indicador de qualidade) aos autores que dele fazem parte, atribuindo-lhes maior capital científico puro. Como nos apresenta Targino (2005):

A edição de um artigo científico, além de confirmar competência, pode, agora, assegurar empregos, e quiçá, prêmios e recompensas variadas. Ademais, a política vigente das agências de fomento também concorre para a crescente autoria múltipla, priorizando os projetos integrados de pesquisa em vez de trabalhos individuais (TARGINO, 2005, p. 8-9, grifo nosso).

Essa distinção, feita não só com base em temáticas e teorias, mas também nas regras instituídas e compartilhadas, define não somente aqueles que compõem o campo, mas, principalmente, aqueles que se destacam no campo (elite científica). “Se fosse preciso dar uma definição transcultural da excelência, eu diria que ela é o fato de se saber jogar com a regra do jogo até o limite, e mesmo até a transgressão, mantendo-se sempre dentro da regra” (BOURDIEU, 2011, p. 99). Para o presente estudo, mapear parte dessa produção qualificada e verificar o percentual dela que está indexada na base de dado WOS, desvendar a presença de discentes e docentes estrangeiros e apresentar um breve perfil desses programas, é fundamental para um melhor entendimento acerca da internacionalização.

3 METODOLOGIA

O universo dessa pesquisa é constituído por todos os Programas de Pós-Graduação (PPG) em Biblioteconomia e Ciência da Informação em atividade no Brasil. A saber: UDESC, UEL, UFBA, UFC, UFCA, UFF, UFMG, UFPB, UFPE, UFRJ/IBICT, UFSC, UFSCAR, UnB, UNESP, UNIRIO e USP. No entanto, buscando uma maior equidade nos dados coletados e, por conseguinte, uma avaliação mais adequada optou-se pelo estabelecimento dos seguintes critérios para que o programa pudesse compor a amostra: a) estava em estado de avaliação na última quadrienal/CAPES; b) apresenta perfil acadêmico; c) possui cursos de Mestrado e Doutorado.

De acordo com os critérios supracitados, a amostra ficou definida da maneira que segue: UFPB, UFPE, UFRJ/IBICT, UFBA, UFF, UFMG, USP, UNESP/Marília, UFSC e UNB. Os seguintes programas foram excluídos por não contemplarem os critérios definidos, a saber: UFC, UFSCAR e UFCA - por estarem em acompanhamento da CAPES -; UNIRIO e UDESC - por serem mestrados profissionais - e UEL - por só possuir curso de mestrado.

A pesquisa buscou verificar o perfil desses programas em relação às suas atuações e contribuições para o campo da Ciência da Informação não só no país, mas em busca da internacionalização. É importante salientar que, de acordo com o documento de área, o maior desafio para o próximo quadriênio (2017-2020) é intensificar e expandir a internacionalização. Nesse sentido, a CAPES vislumbra identificar nos programas a sua capacidade de “planejamento com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área na produção do conhecimento” (BRASIL, 2017, p. 23). Isso foi operacionalizado através de pesquisa realizada na Plataforma Sucupira nos dados disponibilizados acerca da Pós-Graduação no Brasil. Para tanto, foi criada uma planilha no *software* Excel, visando identificar as seguintes variáveis: o perfil discente, o perfil docente e, por fim, a produção científica de cada um desses programas de pós-graduação.

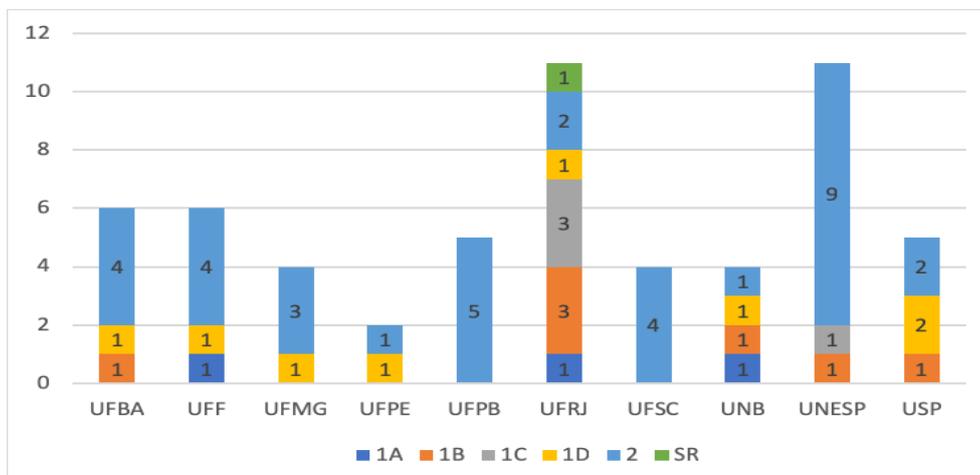
Com o emprego de técnicas cientométricas foi possível analisar a produção científica qualificada e, parte, representada na base de dados Web of Science (WOS) em uma tentativa de ultrapassar a barreira descritiva dos dados quantitativos revocados no Qualis/CAPES. Buscou-se também visualizar as redes de coocorrência de palavras, para tanto, foi necessária a importação de arquivos .txt da WOS para o *software* VOSviewer. Esta última etapa do trabalho teve como maior motivação a perspectiva de esboçar um panorama sobre as temáticas mais representativas no âmbito das publicações com visibilidade internacional.

A estratégia de busca na WOS foi assim definida: utilizou-se o operador booleano OR para contemplar todas as 10 IES que possuem PPG que se enquadraram nos critérios anteriormente estabelecidos. Aplicou-se o filtro temporal compreendendo o último quadriênio de avaliação (2013-2016) e, ainda, optou-se pelo filtro de área *Information Science Library Science*.

4 RESULTADOS

A pesquisa teve como objetivo central apresentar alguns indicativos da presença de internacionalização nos programas de pós-graduação em CI no país e, para isso, lançou mão do relatório de toda a amostra acerca do número de docentes que compuseram o quadro durante o último quadriênio (2013-2016). Esboçar um perfil geral do corpo docente dos programas foi um dos objetivos da pesquisa e pode ser visualizado nos gráficos que seguem.

Gráfico 1 – Número de docentes bolsistas de produtividade em pesquisa (CNPq) nos PPG brasileiros (2013-2016)



Fonte: dados da pesquisa (2019)

Em relação ao quantitativo de pesquisadores agraciados com bolsas de produtividade em pesquisa (PQ/CNPq) a distribuição se mostrou relativamente equitativa, à exceção do quadro observado na UFRJ e na UNESP, ambas com 11 bolsas distribuídas nos seis possíveis estratos PQ 1 (A, B, C e D), PQ2 e PQ-SR (ver o Gráfico 1). Em que pese que o PPGCI/IBICT-UFRJ seja o mais antigo do Brasil, a completar seus 50 anos em 2020, a questão da data de criação não parece ter influenciado para além do esperado, com a maturidade maior ou menor de cada programa e de seu respectivo corpo docente.

No que concerne ao perfil formativo do quadro de professores, não foi surpresa identificar que a grande maioria teve, como área de doutoramento, a própria Ciência da Informação (ver Tabela 1). Cumpre ressaltar que a segunda formação mais recorrente foi a Comunicação, fato que pode ser explicado pelo pioneirismo e pela importante contribuição da ECA/USP na formação da elite intelectual brasileira, sobretudo, na amostra aqui representada.

TABELA 1: Área de doutoramento dos docentes dos PPG brasileiros (2013-2016)

Área do Conhecimento	Freq. Abs.	Freq. Rel. (%)
Ciência da informação	123	44,73%
Comunicação	38	13,82%
Outras	29	10,54%
Engenharias	18	6,54%
História	18	6,54%
Educação	17	6,19%
Ciência da computação	7	2,54%

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

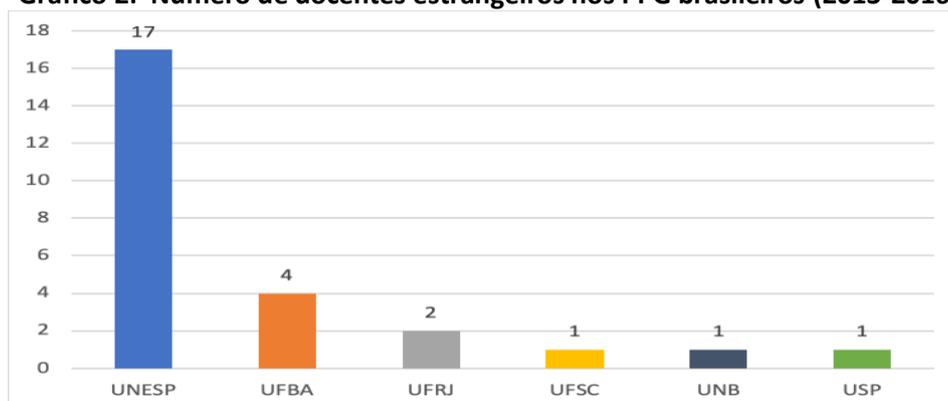
Letras	7	2,54%
Administração	5	1,82%
Linguística	5	1,82%
Sociologia	5	1,82%
Biblioteconomia	3	1,10%
TOTAL	275	100,00%

Fonte: dados da pesquisa (2019)

Um perfil acadêmico interdisciplinar indica, ou melhor, reflete a mesma característica do campo científico observado. É importante salientar que países como Portugal, Espanha, França, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos também contribuíram com a formação dos docentes que compõem o quadro dos programas de pós-graduação brasileiros. A pós-graduação feita no exterior, sobretudo entre as décadas de 70 e 90, foi um dos primeiros passos para a internacionalização, pois seus recém-pós-graduados trouxeram para o Brasil muito mais do que o diploma, sobretudo suas redes de relacionamento oriundas de universidades estrangeiras (BRASIL, 2017).

No gráfico a seguir fica clara a supremacia do PPGCI/UNESP no que concerne o número de docentes estrangeiros. Cumpre ressaltar que a análise não diferenciou esses pesquisadores em: permanentes, colaboradores ou visitantes. O cenário apresentado pode ser visualizado no Gráfico 2.

Gráfico 2: Número de docentes estrangeiros nos PPG brasileiros (2013-2016)



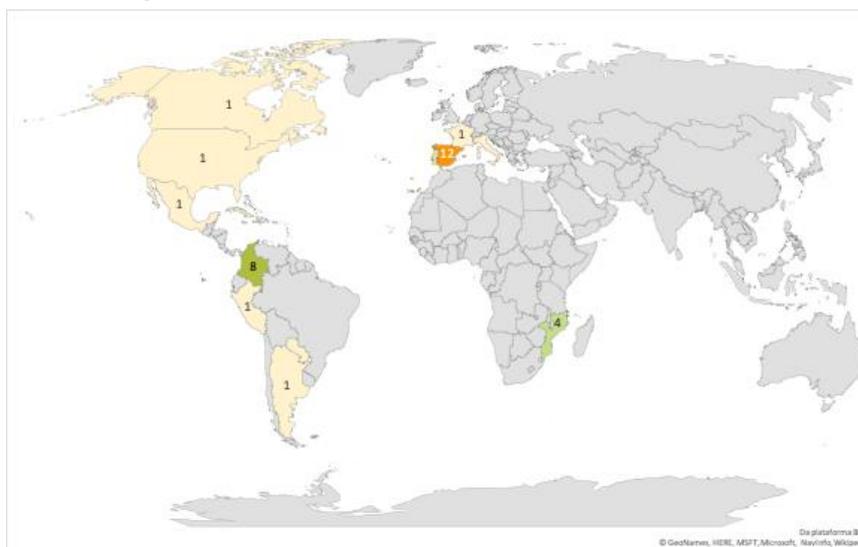
Fonte: dados da pesquisa (2019)

A presença majoritária de pesquisadores estrangeiros no PPGCI/UNESP, único conceito 6 na CAPES, representa o fortalecimento das redes de relacionamento e de colaboração ensejadas pela presença e preocupação da instituição com a questão da internacionalização universitária.

Não há como não mencionar que o melhor colocado programa em CI no país é também é aquele que mais docentes estrangeiros atraiu. Esse fato que reforça o efeito Mateus usado por Robert K. Merton (2013) para explicar o reforço positivo aos que conseguiram reconhecimento científico e respeito, em detrimento dos menos afortunados, o que mostra ser mais fácil a quem já é valorizado adquirir respeito e prestígio dos próximos, pois parte de uma vantagem comparativa em relação aos mais carentes. Esse processo de reprodução, tanto do êxito social, quanto do isolamento, conjugado com o efeito de reforço, tem sido considerado um desvio indesejável do sistema de recompensas, pois a hierarquia social acaba sendo mantida e legitimada, desde que seu caráter arbitrário seja ignorado.

Dos 275 docentes que compuseram o quadro de permanentes, colaboradores ou visitantes, 26 (0,95%) tinham outras nacionalidades, conforme observável no Gráfico 3.

Gráfico 3: Países de origem de discentes e docentes vinculados aos PPG brasileiros (2013-2016)

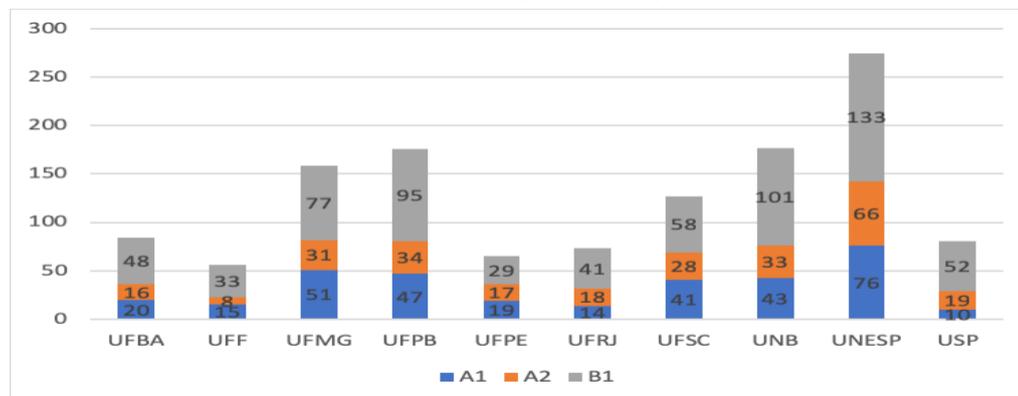


Fonte: dados da pesquisa (2019)

Do total de 26 docentes estrangeiros, 65,38% deles estabeleceram vínculo com a UNESP, e 15,38% com a UFBA. Já no que tange aos discentes, e, sobretudo, ao perfil que atenderia aos critérios de internacionalização, no último quadriênio observou-se que dos 634 alunos titulados e matriculados pelos 10 programas de pós-graduação em Ciência da Informação, somente sete eram estrangeiros (1,10%).

Em relação à produção qualificada, aqui entendida como os artigos publicados nos estratos A1, B1 e B2 do QUALIS/CAPES, utilizou-se o relatório do último quadriênio que apontou o cenário que pode ser visto no gráfico 4.

Gráfico 4: Distribuição da produção qualificada de artigos por estrato QUALIS/CAPES dos PPG brasileiros (2013-2016)



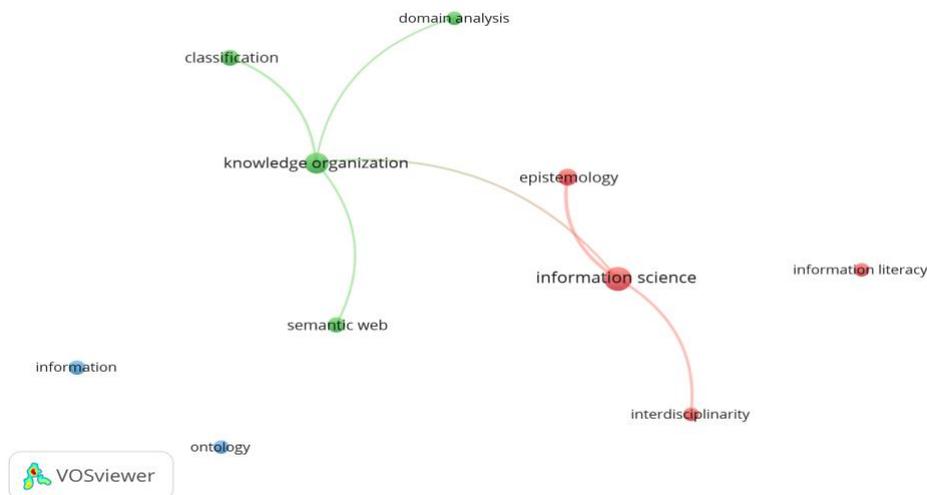
Fonte: dados da pesquisa (2019)

Os 10 programas apresentam a seguinte distribuição de notas de acordo com o último quadriênio: UFBA, UFF, UFPB, UFPE, UFRJ e USP são 4, já UFMG, UFSC e UNB foram classificados com nota 5, enquanto a UNESP foi a mais bem avaliada, com nota 6. Apresentar essa distribuição agora pode auxiliar em uma melhor interpretação dos dados presentes no gráfico 3. A partir deles foi possível identificar que a UNESP tem a maior produção qualificada no total e nos estratos A1, A2 e B1. Em relação aos outros programas nota 5 o que se pode constatar foi um perfil de publicação relativamente parecido: predominância de publicações no estrato A1 e mais de 120 no total durante o quadriênio. A surpresa foi o desempenho do PPGCI/UFPB que apresentou produção maior, em termos absolutos, do que os três programas com nota 5. Esse retrato geral demonstra que muitos são os fatores e indicadores que avaliam e propiciam a internacionalização, para além do perfil produtivo. Como mencionado anteriormente, as redes de relacionamento e as interações de toda ordem entre pesquisadores são difíceis de serem objetivadas e quantificadas. (MARTELETO, 2001; DUARTE *et al.*, 2012).

Partindo para a análise da produção científica qualificada e representada na WOS, o que se comprovou foi a baixa visibilidade da Ciência da Informação brasileira nesse índice internacional. Foi possível visualizar, somente 35 artigos dos 1.273 produzidos no último quadriênio e, por essa razão, elaborar grafos que demonstrassem relações interinstitucionais e/ou internacionais mostrou-se infrutífero. Dentro do pequeno

universo indexado na WOS, foi possível identificar as temáticas com maior incidência e suas relações, conforme demonstrado no grafo 1.

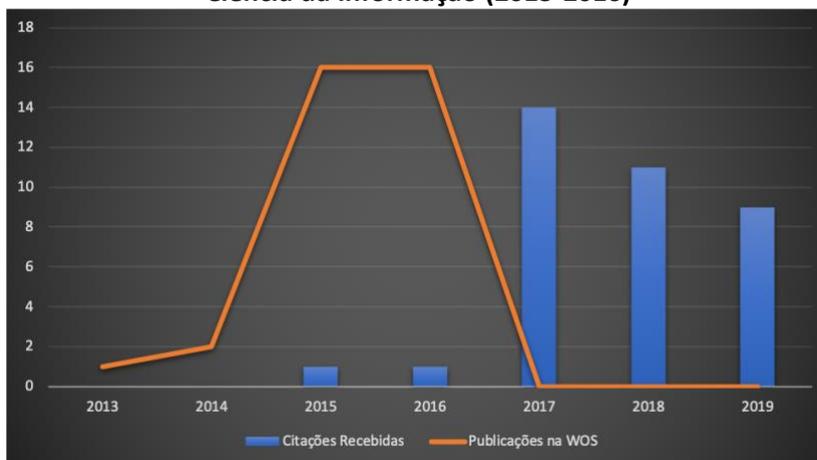
Grafo 1: Temáticas mais representativas nos artigos recuperados na WOS (2013-2016)



Vale mencionar que a temática de Organização do Conhecimento é estrutural na composição teórica da Ciência da Informação. Além disso, o PPG com maior número de docentes estrangeiros e melhor nota, o PPGCI/UNESP, conta com uma linha de pesquisa devotada aos estudos sobre o tema, contando também com pesquisadores brasileiros com projeção internacional.

Outro tópico descrito pela CAPES como indicador de internacionalização, as citações e referências recebidas podem representar a inserção internacional não só dos pesquisadores, mas também das temáticas por eles estudadas.

Gráfico 5: Mapeamento das citações recebidas pelos artigos indexados na WOS dos PPG em Ciência da Informação (2013-2016)



Fonte: dados da pesquisa (2019)

Por menor que seja a visibilidade da produção científica brasileira, pois somente 2,75% do total de artigos publicados durante o último quadriênio estão em periódicos indexados na WOS, é importante salientar que nenhuma das menções feitas aos trabalhos se caracterizou como autocitação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho buscou-se refletir sobre a internacionalização dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil a partir, principalmente, da análise da produção científica qualificada durante o último quadriênio avaliativo da CAPES (2013-2016). Ao compreender o campo científico como um campo de forças, no qual as instituições de Ensino Superior lutam por melhores colocações nos mais diferentes rankings e, por conseguinte, imprimem pressões de toda ordem aos cursos de Graduação e de Pós-Graduação para que eles desempenhem papel fundamental para o alcance das posições de maior destaque nos ranqueamentos.

A avaliação é componente fundamental para a garantia da qualidade na formação oferecida, entretanto, não pode se caracterizar-se como uma espécie de camisa de força da qual todos querem correr, mas que ao mesmo tempo buscam ajustar-se a ela. Em tempos de uma sociedade vigilante e vigiada, ou melhor, controlada e controladora faz-se necessário que se alinhe os discursos em prol de mais clareza nos processos avaliativos. Para além do juízo de valor, não se pode admitir que a máxima seja aquiescer para sobreviver, pois a busca pela qualidade e pela excelência não pode ser meramente retórica. Há sim, de se querer discutir, negociar, ouvir e falar sobre os critérios e, também sobre a maneira como eles incidem em determinado contexto político e espaço geográfico.

Acredita-se que os objetivos propostos no início desse trabalho foram alcançados, mesmo quando a representatividade, ou melhor, visibilidade internacional não foi representativa de todos os esforços empreendidos pelos programas de pós-graduação na produção científica qualificada. Tem-se, neste momento de reformulações nos critérios de avaliação da CAPES, como fato importante apresentar e reivindicar um olhar mais sensível, mas não menos acurado da realidade vivenciada pelos programas de pós-graduação no Brasil. Há de se ter parcimônia quando se busca critérios de avaliação

importados e que pouco dizem sobre o que se faz, mas sobretudo, sobre o que se pesquisa em um país abaixo na linha do Equador.

Sugere-se que novos estudos sejam empreendidos no contexto de avaliação da Pós-Graduação buscando esclarecer de que maneira nossa produção científica encontra reverberação para além de nossas fronteiras. O emprego da mesma metodologia, mas com a ampliação da amostra poderá servir de base para comparar as diferenças entre as áreas do conhecimento, assim como entre as IES que sustentam e garantem a soberania e a independência do Brasil. Por fim, ratifica-se a vital importância do investimento na Ciência nacional produzida, prioritariamente, e de forma inconteste e qualificada, nas dependências das universidades e dos Institutos Federais.

REFERÊNCIAS

BIANCHETTI, Lucídio; MAGALHÃES, António M. Declaração de Bolonha e internacionalização da educação superior: protagonismo dos reitores e autonomia universitária em questão. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 225-249, mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000100225&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 jul. 2019.

<http://dx.doi.org/10.590/S1414-40772015000100013>.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'Água, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Diretoria de Relações Internacionais. **A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. Brasília: Mec, 2017. 55 p. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. v. 1.

DAHLER-LARSEN, Peter. **The Evaluation Society**. Stanford: Stanford University Press, 2011.

DELEUZE, Giles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DUARTE, Roberto Gonzalez et al. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

1, p. 343-370, mar. 2012. Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 jul. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000100015>.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de Redes Sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia: Editora 34, 2013.

POWELL, Walter W.; SNELLMAN, Kaisa. The Knowledge Economy. **Annual Review of Sociology**, [s.l.], v. 30, p. 199-220, ago. 2004. Disponível em:
<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.soc.29.010202.100037>. Acesso em: 19 jul. 2019.

RAMOS, Milena Yumi. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, 2018. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100303&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2019. Epub 22 jun. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201706161579>.

SANTOS, B. S. **A Universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

TARGINO, Maria das Graças. Artigos Científicos: a saga da autoria e co-autoria. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Org.). **Preparação de Revistas Científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. p. 35-54.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. **Avaliação da pós-graduação brasileira: análise dos quesitos utilizados pela Capes e das críticas da comunidade acadêmica**. 2015. 173 p. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.27.2015.tde-29062015-150747. Acesso em: 11 ago. 2019.